



Juana Ester Kogan

Psicóloga Clínica pela Universidade Nacional de Buenos Aires. Ex-residente do Hospital de Niños de Buenos Aires – Ricardo Gutierrez – no Serviço de Psicopatologia – Setor de Pré e Pós-Cirúrgico. Especialista em Clínica. Foi Membro do Grupo de Estudos Bionianos de Maringá. Fundadora e ex-professora do CEPAI (Centro de Estudos de Psicanálise e Análise Institucional) em São Paulo. Ex-professora do Instituto Vínculo em São Paulo. Mestre em Psicanálise de Família e Casal pelo IUSAM – ApdeBA. Professora Convidada do Mestrado de Psicanálise de Família e Casal do IUSAM - ApdeBA. Autora de Artigos Científicos. Palestrante. Diretora Geral e fundadora da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá.

Do 2 ao 4.

Uma aritmética surpreendente

Publicado na Rev. Psicoanálisis (APdeBA)- vol XXXIX-n 1y2-

Este artigo é produto de uma investigação sobre o fenômeno da gravidez espontânea, ou seja, sem a intervenção de atos médicos, após uma adoção feita por casais com dificuldades para conceber e em um devir onde o irrealizável inesperadamente se tornou possível. Para morrer, basta estar vivo. Mas nascer não é tão simples. Para que uma nova vida seja gerada, na maioria dos casos, ainda é necessário que o casal faça sexo na hora certa, em período fértil. Necessário, embora não suficiente. Todos nós conhecemos histórias de casais que, sem sucesso, por anos tentam ter filhos e no momento

em que desistem dos tratamentos médicos e adotam uma criança, o milagre se realiza e a gravidez ocorre. Qual será o nó que foi ali desfeito e de onde veio?

No casal humano, a descendência é uma questão de desejo e mandato, portanto, ao lidarmos com essa questão devemos pensar na construção do desejo de maternidade e de paternidade. Para uma pessoa, o desejo de um filho acontece eventualmente devido a objetivos narcisistas e edipianos determinados por sua história, mas também depende do imaginário social. Qual é a complexidade que está por trás do desejo de ter um filho e tornar-se mãe ou pai? Como o mundo interno e o cultural podem interagir e intervir para impedir a realização desse desejo?

Não menos importante é o fato de que o desejo de um filho não é igual para homens e mulheres. Em uma de suas elaborações inovadoras, Piera Aulagnier (1975), a respeito dessa questão, distingue nas mulheres o desejo de um filho e o desejo da maternidade. O primeiro se refere ao registro de **ter** (*um filho*), enquanto o segundo envolve **ser** (*mãe*). Ter um filho relaciona-se, em grande parte, ao ideal de ego da menina, aquela que, ao resolver suas vicissitudes edipianas, se identifica com os emblemas culturais relativos a seu gênero. O desejo de maternidade, por outro lado, vem de um “ser como a mãe”, domínio do Eu Ideal, núcleo duro e resquício do narcisismo infantil na mente adulta.

E qual é a natureza do desejo de ser pai? Os ideais masculinos incluem destreza e força física, força emocional, a conquista do sucesso e o domínio da razão, entre outros. Os meninos querem ser “grandes” como os pais, mas não querem ser “pais”. Assim, o desejo por um filho, embora tenha sua origem nas identificações com os objetos primários e nos desejos narcísicos de perpetuação e verificação do poder fálico do pênis, não é tão intimamente integrado na identidade masculina quanto o é na feminina. Essas questões são intrapsíquicas, ou seja, correspondem ao mundo interno de cada um dos membros de um casal.

Paralelamente a esses fenômenos intrapsíquicos, encontram-se os fenômenos típicos dos casais, os pactos conscientes e inconscientes que correspondem à própria conformação dessas alianças – e, além disso, às sucessivas experiências de frustração por não poder realizar o desejo de serem pais. Trata-se da dimensão intersubjetiva, e esses processos podem ser conhecidos por meio do estudo dos vínculos. Isto é, o campo relacional em que a experiência psíquica dos participantes se determina mutuamente à medida que se desenvolve. A psicanálise vincular nos fornece uma visão teórica e clínica

que nos leva à contemplação do sujeito, seus laços e pertencimentos imediatos, bem como a trama sociocultural em que ele se insere.

Para a análise e compreensão do material coletado na investigação, uma dificuldade epistemológica se apresentou. Devo buscar conclusões generalizantes? Devo encontrar respostas unificadoras, partindo do pressuposto de que estaria investigando cinco histórias semelhantes? Para superar esse obstáculo, contei com um texto de Campagno e Lewkowicz (2007), que propõe a possibilidade de uma teoria abordar a realidade sem a intenção ou a necessidade de elaborar leis unificadoras. Neste, os autores afirmam que há validade e relevância científica no trabalho de pensar situações singulares. Decidi, então, trabalhar com cada caso como um caso único, analisá-lo em sua especificidade, sem perder de vista os elementos comuns a essas histórias, que também considere.

Do 2 ao 3

Encontrei diferenças nas cinco histórias em relação à decisão pela adoção. Em três delas, os dois membros do casal decidiram adotar; em outras duas, foi o homem que trouxe o bebê, apesar do protesto ou desinteresse da esposa. Entendi que a criança buscada por meio da adoção mostra a existência de algo que, segundo Moguillansky e Seiguer (1996, p. 173), “seria uma representação mais objetiva de uma criança, com consistência própria e não apenas narcisista, parece mais relacionada à criação dos filhos do que a engendrar-los (...)”.

No casal formado por Robustiana e Ramiro, ela escolheu um marido fraterno, submisso, não ameaçador e amigo. Apesar de seu carinho e confiança por esse companheiro, investido como irmão, era impossível, a princípio, se deixar levar pela imprevisibilidade da gravidez e da maternidade. Ele, Ramiro, escolheu uma mulher forte, mas que ao mesmo tempo foi impedida em seu caminho de construir o desejo de um filho por uma imposição precoce de cuidar dos irmãos mais novos. Como menina, ela foi privada da infância. O desejo de um filho, mais do que não existir, teve que passar por um processo que lhe permitiu chegar a um novo lugar subjetivo. Era preciso que o casal se acalmasse, se percebesse capaz de cuidar sem destruir, para só assim ter acesso a um lugar a partir do qual pudesse conceber. O filho adotivo tirou-os do lugar de filhos submetidos e foi um passaporte para a vida adulta.

O casal formado por Carla e Beto apresentava uma união cujo elemento unificador era a necessidade e não o desejo; eles formaram, inicialmente, um par descrito por eles como vazio, com uma construção vincular hiperdiscriminada. O desejo do filho originou-se primeiro no marido, que o impôs. Talvez porque quisesse resgatar para o lar a sua esposa, aprisionada em uma teia de aranha pré-edipiana com a mãe. Em seu comentário sobre as mudanças da esposa após a adoção, Beto demonstrou perceber a carência que ela sentia de uma figura paterna, que ele reparou ao tornar-se pai, algo que também o transformou em um homem diferente. Beto trocou uma postura de inconsistência adolescente pela de cuidador, responsável e mais afetuoso. Ela se sentiu libertada da culpa que a prendia à sua mãe e voltou para sua casa e para seu marido com uma nova atitude. O filho adotivo os reuniu, casou e engravidou. “*Como um alquimista, ele reunia os sabores*”, ela disse, nunca antes cogitados. Isso deu a eles “*bom senso e responsabilidade*”, disseram.

No casal de Maria e José, a filha adotiva, Magdalena, permitiu-lhes realizar a maternidade-paternidade dissociada do ato sexual, algo como uma brincadeira de criança onde o bebê é uma boneca (o nome dado à filha adotiva era a boneca de uma vizinha do casal). José e a empregada doméstica apoiaram um papel materno que Maria não pôde assumir inicialmente devido ao medo de ocupar aquele lugar e ser odiada como odiava a mãe. E Magdalena mostrou a Maria que ela poderia ser mãe sem destruir ou ser destruída.

No casal formado por Ana e Pepe, a escolha foi novamente por um homem simpático, não muito ameaçador, sete anos mais novo que a esposa e muito calmo. Filha de um casal formado por um homem psicótico e uma mulher onipotente, Ana sentia-se muito sozinha quando conheceu Pepe. Ela vivia uma relação de dependência e submissão em relação à mãe e uma forte rivalidade em relação às irmãs. Sentia-se incompetente para cuidar de uma criança, com intensos medos de morte. Para Pepe, Ana foi a primeira namorada. Ele a conheceu logo após a morte da avó, que parece ter sido a personagem mais carinhosa de sua família. Pepe propôs interromper os tratamentos de fertilização e buscar uma adoção. Ele queria um filho para poder ser pai. Ana foi conduzida pelo filho adotivo a deixar sua posição de criança submissa e ingressar no clã formado pelas mães de sua família de origem (suas irmãs e sua mãe).

Dalva e Jorge formaram um casal que, apesar de terem oito anos de diferença, pareciam pai e filha. Jorgelina, a filha adotiva, veio como consequência do desejo do marido. Ele parecia querer um filho que desse à sua esposa-filha uma ocupação tradicional e adequada. Ao conviver com Jorge (na função de pai), a sogra (na função da

mãe) e as cunhadas (irmãs), Dalva completou um processo que tinha ficado interrompido em relação à construção do desejo por um filho. A possibilidade oferecida pela filha adotiva de aceitá-la e assim reparar a culpa pelas antigas hostilidades aos irmãos, “*abriu o caminho*”, como afirmou Jorge.

Encontrei sentimentos de intensa fragilidade projetados no filho por vir e, ao mesmo tempo, fantasias de incapacidade por parte de um ou de ambos os membros do casal, em três dos cinco casais estudados. Ao que parece, eles se acalmaram depois da adoção; algo da fantasmática idealizada (e, portanto, ameaçadora) ligada à paternidade-maternidade perdeu força. Talvez esta última corresponda também a uma idealização do vínculo com o filho, pelo qual o adiaram, protegendo-o de um casal parental que temiam não conseguir sustentá-lo nos diversos níveis em que esta idealização acontece.

Os casais descreveram uma união maior após a adoção, um novo sentimento de pertencimento, de família. Como o ponto de chegada de um percurso que se iniciou no encontro, passou pela construção do casal e culminou na construção de uma família (ilusão de garantia de bem-estar e continuidade dada por uma ordem compartilhada com todas as outras famílias e, por isso, previsível). O filho adotivo trazia consigo uma restituição da continuidade que havia sido interrompida pela ‘inconcepção’ e pelo abandono dos pais biológicos.

Compreendemos que esse encontro e seu corolário, a restituição sustentada pela ilusão de que ambos os termos da relação encontraram o outro que almejavam (um filho para o casal e pais para este filho), criou um momento fusional e fundacional. Um momento que funcionou como a nova base narcísica que subjaz e dá forma a esses grupos familiares, conforme explicam Mogueillansky e Nussbaum (2011). Esse novo momento promoveu outras subjetividades, e teve um efeito restaurador tanto no presente quanto na auto-apreciação do casal e de seus lugares no mundo, nos processos intra-subjetivos e, entre eles, alguns que ficaram detidos na história pessoal de cada um dos membros desses casais.

Novas casas ou quartos, novos empregos, a decisão de trabalhar por conta própria, modificações na distribuição das tarefas domésticas, na distribuição das responsabilidades, nos horários de chegada em casa no retorno do trabalho, na afetividade explícita na vida cotidiana, entre outros, foram alguns dos sinais concretos dessas mudanças.

Da mala ao berço

É importante considerar que onde há uma adoção, houve um abandono. E com ela, uma experiência de descontinuidade na passagem do corpo da mãe biológica, tão conhecido, ao da mãe adotiva, estranha-estrangeira, para a qual é necessário fazer um lugar. Ou então uma descontinuidade na passagem dos cuidados recebidos pelos pais biológicos para os dos pais adotivos. Essa cesura – não só a do nascimento, mas a da passagem mencionada – é uma das vicissitudes desse peculiar processo de filiação.

Por acaso, nos cinco casos apresentados – já que não foram escolhidos em uma amostra maior, pois os casais se apresentaram espontaneamente – as crianças adotadas eram todas bebês com poucos dias de vida. Esse fato conferiu um caráter especial aos vínculos produzidos e à construção do processo de identificação das crianças, assim como aos resultados dessa investigação. Tanto o nascimento de um filho quanto a adoção implicam em uma forte mudança na conformação anterior do casal que se tornou família. O novo grupo é desconhecido de seus membros, e os rumos que esses vínculos devem tomar não podem ser previstos com antecedência. É o novo (as novas produções subjetivas) surgindo do impacto do novo (a presença do filho adotivo).

Se o bebê adotado precisa abrir espaço para esses novos corpos (materno e paterno), para a origem de sensações diversas, provavelmente assustadoras, como novas vozes, outras peles, outra temperatura de contato, etc., o casal adotivo também se depara com um trabalho intrapsíquico e vincular. O casal precisa filiar aquele filho de fora para dentro.

Carla e Beto puseram, sobre duas cadeiras ao pé da cama, a mala na qual colocaram o bebê e inverteram a posição de seus corpos, deitando-se com a cabeça ao lado dela. Parece que queriam colocar o filho pela cabeça. Havia uma condição de transitoriedade simbolizada na mala que, a partir da construção da vincularidade, tornou-se berço. Um berço armado por experiências emocionais íntimas e transformadoras. Vimos nos casos relatados como o desejo dos homens colocou suas mulheres em um novo lugar. Eles, querendo ser pais, impuseram a elas a maternidade, propuseram a adoção ou trouxeram uma criança. Eles foram os primeiros outros delas nessa cena.

Diferentemente do que Freud postula em relação ao desejo por um filho como substituto do falo na mulher (na posição feminina), e que o homem (na posição masculina) pareceria acompanhá-la nessa jornada, o que aqui testemunhei, nesses casos, é um movimento alternativo. Há o desejo por um filho nos homens que, como vimos nas afirmações de Aulagnier, provavelmente foi transmitido pelas suas próprias mães, ou seja,

se organiza ao redor da identificação de função com seus pais. Vemos como esse desejo transforma suas mulheres em mães. São casais que resolvem a falta de um filho inicialmente usando o recurso de adoção.

O filho adotivo é um outro.

Por maiores ou menores que fossem as expectativas de todos os envolvidos no encontro, ele não será como o esperado. O encontro é exigente, pois o vínculo com o outro é uma tarefa de ajustamento permanente entre o que é representado pelo outro e o que o outro propõe como uma presença da qual é preciso se acomodar.

Sobre o cuidado de girinos abandonados

Os casais se descreveram muito satisfeitos com o filho adotivo, o que em todos os casos “trouxe alegria”. Em quatro casos, a gravidez subsequente foi tida como “inesperada”, “um susto”, “eu não queria”, mas também “um milagre”. Carla contou, durante uma entrevista, que Steve (o filho adotivo) trouxe para casa de uma viagem de campo com a escola 72 girinos em uma garrafa de coca-cola. Seu pai o ajudou a cuidar deles e quando a bacia original ficou pequena, eles foram para a banheira. Havia um, Gino, que ficava com eles na sala enquanto assistiam televisão. “*O que íamos fazer com aquele monte de sapos?*” disse Beto. “*Quando eles cresceram, Steve e eu fomos em um sábado à tarde soltá-los no lago do parque do Ingá*” (...) “*E a partir daí, a **gravidade** (sic) dois anos depois, foi natural.*” “*De quem?*”, perguntou a esposa. “*Sua, é claro*”, respondeu ele.

Na verdade, ela engravidou dois anos e três meses após a chegada do bebê adotado. Então, quando essa história dos girinos aconteceu, a criança biológica já havia nascido. Mas a história, à maneira de um mito, era uma comunicação de como o cuidado dos filhotes abandonados estava, para Beto, naturalmente relacionado à gravidez. Entre os vários problemas que esse casal enfrentou para conceber, estava a fragilidade dos espermatozoides de Beto. Será que os girinos são uma metáfora para os espermatozoides que precisavam de força e ajuda para alcançar e fertilizar o óvulo? É esse um efeito que a adoção teve sobre a capacidade reprodutiva do pai? Algo ligado à uma fonte alternativa de narcisismo?

A gravidez subsequente transfere a adoção para outro lugar. Um fenômeno que Borges nos ajudou a pensar. Lemos, em *Kafka e seus precursores* (1952): “O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado,

assim como modificará o futuro. Nessa correlação, não importa a identidade ou pluralidade dos homens”. Neste ensaio, Borges expõe uma ideia muito original, em que cada Roma cria os caminhos que conduzem a ela no momento em que é fundada.

Algumas reflexões sobre o material apresentado

Como nos raios de uma roda, nossa leitura das histórias estudadas ia e voltava do perímetro para o centro (que se movia), e do centro (já em outro lugar) para o perímetro; da construção de cada um dos casais à adoção e, a partir daí, à uma nova compreensão das configurações que a precederam. O mesmo aconteceu com relação ao período entre a adoção e a gravidez. A gravidez instalou a adoção num lugar diferente do que estaria se a gestação não tivesse acontecido.

Nesse duplo movimento de análise, notamos ao longo das cinco histórias importantes transformações e novas produções subjetivas em todos os casais e famílias. O encontro com o outro ativou em cada um dos sujeitos alguns funcionamentos e conteúdos conscientes e inconscientes, enquanto outros foram desativados (se aqui entendermos por “ativação” o aumento da energia de investimento). Nas histórias apresentadas, pudemos observar como cada casal possuía vias costumeiras que delimitavam e fixavam bilateralmente as posições subjetivas de cada um, cada posição promovendo a outra e como organizaram a distribuição de papéis e participações que lhes garantiram certo equilíbrio e segurança, com o conseqüente reforço do narcisismo de cada um. Eles encontraram formas de ajuste e troca, inconscientemente determinadas. A inconcepção¹ fazia parte dessas articulações. Era um nó, uma inibição que abarcava ambas as existências e era responsável por algo inercial no vínculo.

A decisão pela adoção, ou o ato de trazer os bebês, produziu mudanças na vincularidade. Produziram-se autorizações de maternidade-paternidade, que substituíram as que não foram construídas nos espaços evolutivos usuais. Foi o casal, não uma

¹ A psicanalista francesa Sylvie Faure Pragier (1994) reúne sob o conceito de “inconcepção” algumas particularidades psíquicas que caracterizam as mulheres que pretendem ter filhos e não conseguem. Esta autora questiona se essas particularidades são causa ou efeito da infertilidade do corpo. Seguindo a perspectiva vincular da minha pesquisa, decidi incluir e estender o conceito de “inconcepção”, preferindo-o às noções de infertilidade-infecundidade, uma vez que não se refere à falta de capacidade (não fertilidade, não fecundidade), mas a uma ação, e uma ação realizada ou um casal, que pode ou não ser eficaz. Considero a inconcepção um fenômeno complexo e enigmático produto de cadeias pluri-causais, múltiplas e sobre-determinadas que convergem nesse efeito. No presente trabalho esse conceito cobre os aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos dos casos de infertilidade e subfertilidade.

intervenção ou um ato médico que trouxe o filho. Esse foi o primeiro passo na direção de romper os caminhos da repetição e assim desestabilizaram o inercial, abrindo espaço para a novidade. Esta pesquisa também me levou a formular as seguintes hipóteses: Nas histórias estudadas, os casais e os filhos adotivos funcionaram como um grupo elaborador da construção vincular prévia, gerando modificações sobre a possibilidade da fertilidade².

A chegada do novo membro que transformou o casal em família, deu origem a uma nova fundação que produziu um novo momento de constituição narcísica e, com ele, outras subjetividades. A presença da criança com sua alheidade, tudo aquilo que não era conhecido e não podia ser previsto nela e nas reações e sentimentos de seus pais, promoveu uma desestruturação de um imaginário previamente concebido. Esse fato rompeu com generalizações e repetições, permitindo o surgimento de algo que antes não era conhecido. Isidoro Berenstein chamou esse fenômeno de **“efeito de presença”**. O casal não só se tornou um grupo familiar a partir da chegada do filho, mas esse novo estado promoveu outras transformações, tanto na apreciação de cada um sobre si mesmo, sobre o companheiro e sobre seus lugares no mundo, quanto nos processos intrasubjetivos e, entre eles, alguns que ficaram retidos na história pessoal de cada um.

O novo grupo familiar passou a operar com novas ligações, novas ressonâncias e mobilização dos mundos internos e da trama interfantasmática. Penso que é assim que Kaës entende o processo grupal, familiar neste caso, como um laboratório. Apontando para o mesmo lugar por outra perspectiva, entendo que o filho adotado abriu um espaço onde ele não existia. Um espaço no intersubjetivo, que se deslocou para o intrasubjetivo. Proponho como outra hipótese, já que na psicanálise trabalhamos basicamente com elas, que, se, segundo postulam alguns autores, na relação mãe-bebê e na transferência psicanalítica são gerados na mente espaços que podem se mover sobre o corpo (seja integração psique-soma, seja na criação de um espaço de nidificação onde seja possível conceber uma criança biológica ou simbólica), podemos também aplicar essa ideia aos casos estudados.

Nestes casais, o efeito da presença do filho adotivo, da mesma forma que o objeto transicional que deve existir na realidade para ser criado pela criança, promoveu a criação de um espaço, um novo lugar no “entre” que se moveu para o espaço transicional mental,

² Kaës afirma em seu artigo “O Pacto Denegativo em Conjuntos Trans-subjetivos” (1991, p. 148): “O grupo, ou parte dele, funciona como um aparelho de transformação, uma espécie de elaborador psíquico que possibilita a sustentação do investimento libidinal, a formação e a transformação de pensamentos; neste ‘laboratório’, possibilidades sem precedentes de representações e afetos podem ser testadas”.

que é o que dá origem à concepção-criatividade. O novo como efeito do impacto parece ter promovido uma dinâmica ativadora de potencialidades que permaneceram em processo de constituição na realidade psíquica, negatividade relativa para Kaës³.

Não temos no arsenal teórico da psicanálise vincular um conceito que nomeie um processo reparatório produzido a partir do vínculo e que diga respeito aos conflitos de cada um dos sujeitos e que se reverta sobre novas produções vinculares. Talvez possamos chamá-lo **ativação reparatória nos vínculos**, com efeitos que se dirigem ao mesmo tempo à organização do mundo interno e à intersubjetividade.

O contato com estas cinco famílias e o estudo de suas histórias, que após uma forte retração de alguns anos, conseguiram criar novos recursos e assim produzir vida, me levou a pensar nas matas e selvas dizimadas ao longo do planeta, que dia após dia voltam novamente a se cobrir de vegetação. Recebi uma enorme lição de esperança: a natureza e os seres humanos são portadores de energias regenerativas das quais nem sequer desconfiamos.

Referências

- Aulagnier, P. “Lo potencial, lo posible, lo imposible”. *Psicoanálisis de APdeBA*, v. 22, n. 1, 2000.
- Aulagnier, P. *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.
- Berenstein, I. “El efecto de presencia”. *Clases de la Maestría de Familia y Pareja*. IUSAM, Buenos Aires, 2009.
- Berenstein, I. *Del ser al hacer: curso sobre vincularidad*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2007.
- Berenstein, I. *Devenir otro con otro(s)*. Ajenidad, presencia, interferencia. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- Bernard, M. *Introducción a la lectura de la obra de Rene Kaës*. Buenos Aires: Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1997.
- Borges, J. L. “Kafka y sus precursores”. In *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Sur, 1952.
- Campagno, M.; Lewkowicz, I. *La historia sin objeto y derivas posteriores*. Buenos Aires: Tintalimón, 2007.
- Freud, S. Sobre un tipo especial de elección de objeto en el hombre (3ra. ed.). *Obras Completas*. Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 1973. Original publicado em 1910.
- Freud, S. Tres ensayos para una teoría sexual. La sexualidad infantil (3ra. Ed; vol. II). *Obras Completas*. Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 1973. Original publicado em 1905.

³ Kaës (1991, p. 394) diz em “Figuras do negativo e a interdição de pensar sobre a cura”: “A negatividade relativa se constitui a partir do que ficou em sofrimento na constituição dos continentes e dos conteúdos psíquicos, e na formação das operações que os ligam. Ela sustenta o campo do possível. Na negatividade relativa, a positividade se manifesta como perspectiva organizadora de um projeto ou de uma origem: algo que já não é, ou não foi e poderia ser, ou mesmo o que teria sido, mas não foi suficiente, por excesso ou carência, mas poderia ser de outra forma”.

- Kaës, R. *El pacto denegativo en los conjuntos transubjetivos*. 1991.
- Moguillansky, R. & Seiguer, G. *La vida emocional de la familia, su complejidad, vínculos y estados vinculares*. Buenos Aires: Lugar, 1996.
- Moguillansky, R. Teoría clínica vincular. In Gomes, I. et ál. (Orgs). *Diálogos psicanalíticos sobre família e casal*. São Paulo: Zagodoni, 2012.
- Moguillansky, R.; Nussbaum, S. *Psicanálise Vincular*. Teoria e Clínica, vol. 2. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- Winnicott, D. W. A Cura. In *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- Winnicott, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. En: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. Original publicado em 1945.